

**SE
LIGA,
DANI
BROWN**

TALIA HIBBERT

SE
LIGA,
DANI
BROWN

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

BRUNN

Copyright © 2020 by Talia Hibbert

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Take a Hint, Dani Brown

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Ashley Caswell

PREPARAÇÃO Júlia Ribeiro

REVISÃO Tatiana Custódio e Natália Mori Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hibbert, Talia

Se liga, Dani Brown / Talia Hibbert ; tradução Lígia Azevedo.
— 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2022.

Título original: Take a Hint, Dani Brown.

ISBN 978-85-8439-265-0

1. Ficção inglesa I. Título.

21-91760

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Para os românticos incorrigíveis, e para mim mesma.

Nota da autora

Por favor, tenha em mente que esta história envolve temas sensíveis, como lidar com a morte de membros próximos da família e enfrentar transtornos de ansiedade generalizada. Espero ter abordado essas questões com o devido cuidado.

Prólogo

Era a noite perfeita para bruxarias, com a lua alta e cheia, e Danika Brown tinha mel no seio. No esquerdo, especificamente.

“Merda”, ela murmurou, se limpando.

“Sonhando acordada no meio do culto? Tsc, tsc.” Sorcha, a melhor amiga de Dani, estava sentada do outro lado da mesa minúscula que servia de altar. Tinha olhos castanhos brilhantes, cabelo cheio e escuro, e um sorriso torto no rosto.

“Eu não estava sonhando acordada”, Dani disse, embora estivesse fazendo exatamente aquilo. “Meu peito só mete o nariz em tudo.”

“Lá vem...” Sorcha revirou os olhos e imitou o jeito de falar de Dani com uma precisão enervante. “Ai, *coitadinha de mim, com esses meus peitos incríveis, que me recuso a dividir um pouquinho que seja...*”

“Não acho que seja possível dividir tecido mamário, Sorcha.”

Sorcha a encarou. “Se fosse, você daria um pouco pra mim?”

“Não. Como você disse, meus peitos são incríveis. Agora cala a boca e se concentra.”

“Você é uma mulher egoísta e diabólica. Vaidosa, narcísica...” Sorcha era sempre muito criativa em seus insultos. Seus alegres resmungos se dissiparam em som de fundo conforme Dani colocava o pote de mel de lado e empurrava o pratinho agora cheio para o centro da mesa. Atrás dele, de costas para a Virgem Negra de Sorcha, havia uma pequena estatueta dourada de Oxum.

Como qualquer divindade do amor, da beleza e da abundância que se preze, Oxum estava coberta de joias e nada mais — a não ser que abelhas e seu enorme cabelo contassem. Dani tinha pouco cabelo, nenhuma

abelha e nenhum costume de ficar nua em público; tampouco ligava para a ideia de amor romântico, uma vez que estava provado empiricamente que isso só drenava as energias das pessoas, distraíndo-as de seus objetivos profissionais. Mas o fato de Dani e a orixá não concordarem totalmente naquele assunto em particular não era muito importante. A estatueta dourada era herança de sua querida e falecida avó — a mulher que dissera a ela: “Há poder no conhecimento que é passado de uma geração a outra, seja através desses seus livros ou das palavras de um ancião”.

Danika concordava. Além disso, seguir os passos da avó era divertido e natural para ela. Devia ter algo a ver com os elaborados rituais noturnos e ao histórico rebelde do mulherismo obstinado.

“Vamos lá”, Sorcha prosseguiu, aparentemente ao terminar de listar as falhas de caráter de Dani. Então, em uma mesa dividida por dois ídolos diferentes, em um cômodo em que o brilho das velas e da lua cheia se entrelaçava preguiçosamente, Danika pegou as mãos da amiga e fechou o círculo.

“Você primeiro”, Sorcha sussurrou.

“Ai, amiga, tem certeza?”

“Não começa. Sei que você está doida para invocar alguma coisa.”

Bem, era verdade. Desde que o último rolo de Dani tinha acabado, um mês antes, sua vagina tinha criado teias de aranha (sua vagina, infelizmente, era chegada num drama), e, com sorte, essa invocação mudaria aquela situação terrível.

Ela inspirou fundo e começou. “Oi, Oxum. Espero que os gêmeos estejam bem. Tenho um pedido este mês que acho que você vai apoiar: preciso de outra pessoa pra trepar.”

Sorcha arregalou os olhos. “Espera aí. Será que é uma boa ideia?”

“Cala a boca”, Dani disse, séria. “Estou ocupada.”

Sorcha, sendo quem era, continuou falando mesmo assim. “Achei que você ainda estava chateada por causa da Jo.”

Dani olhou feio para ela. “Nunca fiquei chateada por causa da Jo. Ficar *chateada* não faz sentido, é o tipo de emoção que consome as pessoas e que eu me esforço muito para evitar.”

“Ah, é?” O ceticismo escorria de suas palavras como cera escorria das velas. “Porque eu jurava que quando ela terminou com você...”

“Ela não terminou comigo. Não estávamos juntas, algo que ela queria que mudasse, e eu não.”

“Quando ela terminou com você”, Sorcha continuou, porque era uma chata, “você comprou uma caixa de mistura para bolo, acrescentou um ovo e comeu o troço cru, direto daquela tigelona velha...”

“Sou viciada em doces”, Dani disse com frieza, e era verdade.

Sorcha suspirou. “Você entende que essa desconexão tão grande com os próprios sentimentos não é boa para uma bruxa, né?”

“Que bobagem. Estou totalmente conectada com meus sentimentos, muito obrigada.”

“A não ser quando não consegue lidar com o fato de que a pessoa com quem estava ficando se apaixonou por você e ataca uma caixa de bolo.”

“*Aquilo não teve nada a ver com Josephine*”, Dani insistiu. “Eu devia estar de TPM ou coisa do tipo.” Danika Brown não ficava na fossa — ou, pelo menos, não ficava na fossa por causa de relacionamentos interpessoais. Não tinha ficado quando pegara seu primeiro amor trepando, feliz da vida, com outra pessoa, e nunca ficaria. Jo queria viver um romance, e Dani não conseguia pensar em nada menos apropriado a ela, então ambas tinham decidido deixar de ser amigas coloridas e seguir caminhos separados. Estava tudo bem.

A não ser pelo fato de que as duas não se falavam mais.

Só isso.

“Para de tentar me confundir”, Dani disse com firmeza, porque, claramente, o único jeito de acabar com aquela conversa insuportável era ser firme. “Sei o que estou fazendo e sei o que quero. Sou uma mulher adulta e inteligente, com a perspectiva de me tornar professora titular dentro dos próximos quinze anos e com um profundo desejo de sexo oral frequente, nada mais. Então cala a boca e me deixa fazer meu pedido em paz.”

“Aff, esquece”, Sorcha resmungou. “Tá bom. Pede aí.” Então um milagre aconteceu: ela revirou os olhos, soltou um suspiro de reprovação e ficou quieta.

Bom. A gente precisa aproveitar esses acontecimentos divinos.

Dani fechou os olhos e recomeçou. “Oxum, preciso de uma fonte regular de orgasmos.” Ela pensou em Jo e acrescentou: “Alguém que não

espere de mim mais do que posso oferecer. Alguém racional, de preferência, com uma bunda bonita e foco total nos próprios objetivos. Não ando tendo muita sorte, então se você conhecer alguém que preencha os requisitos... só... me indica o caminho. Me dá um sinal.” Quando Dani terminou, o calor de uma paz rara se espalhou por seu corpo, como as águas de um rio banhado pelo sol, como se a orixá tivesse ouvido e prometido dar seu melhor. Dani se permitiu um sorriso hesitante e desfrutou do silêncio iluminado.

Um silêncio que logo foi interrompido por Sorcha. “Meu Deus, você é tão sagitariana.”

“Vou matar você. É sério.” Dani abriu os olhos e ficou de joelhos, observando a mesa com calma. Será que deveria bater na cabeça da melhor amiga usando um ícone religioso — o que seria falta de respeito — ou a robusta vela de cera? A vela estava acesa, então teria que ser com a estatueta mesmo. Só que, quando Dani esticou o braço, algo caiu de um dos muitos bolsos escondidos no seu vestido, aterrissando com um baque no altar.

Mais do que isso: caiu aos pés de Oxum, se equilibrando perfeitamente no pratinho de mel.

Dani concluiu que devia ser um sinal. Provavelmente dizendo: *Por favor, não mate Sorcha, ou vai acabar se arrependendo. Fora que duvido que vá curtir a prisão.*

Sorcha semicerrou os olhos na direção da luz da vela, claramente sem se preocupar com quão próximo chegou da morte. “Espera aí, isso é uma barrinha de cereal? Estou morrendo de fome.”

“É uma barrinha de proteína”, Dani corrigiu, pegando-a e a entregando para a amiga.

“Desde quando você come barrinhas de proteína?” Migalhas voavam enquanto Sorcha quebrava pedaços da barrinha com as mãos, como a bárbara que era.

“Não como. Me deram. Meu Deus, Sorcha, olha a sujeira que você está fazendo. A gente nem terminou as invocações. Você não queria fazer um pedido por causa daquele concurso de escrita criativa em que entrou?”

“Duvido que vá ajudar.” Sorcha desdenhou. “Somos um fracasso como bruxas.”

Dani pareceu ofendida. “Fale por si mesma. *Eu* estou focada no presente e conectada com a magia da minha realidade.”

“Desde quando?”

“Desde que fiz meu pedido. Agora estou esperando por um sinal!”

Sorcha jogou a embalagem vazia da barrinha de proteína na mesa. “Conhecendo a gente, você nem vai perceber se ele vier.”